

# As vozes femininas na poesia de Auta de Souza: fragmentos de vida e obra\*

Karlla Christine Souza\*\*  
Ailton Siqueira Fonseca\*\*\*

## Resumo

O propósito deste artigo é repensar a vida e a obra da poeta norte-riograndense Auta de Souza e analisar três poemas fazendo relações com sua própria biografia. A fim de fazer dialogar vida e obra dessa poeta, escolhemos os poemas “Versos Ligeiros”, “Zirma” e “A Noiva” porque revelam uma poesia não apenas como modelo católico a ser seguido pelas mulheres que desejassem contrair matrimônio e cumprir os recatos da época. Nesses versos, podemos apreender um registro profundo do arquétipo da Mulher Selvagem e uma sensibilidade particular em tratar o sentimento feminino.

## Palavras-chave

Escrita feminina; vida; obra; mulher selvagem

## Abstract

The purpose of this paper is to rethink life and work of Auta de Souza, poet from North of Rio Grande do Sul in Brazil, and analyze three poems establishing connections with her own biography. In order to start up a dialogue between life and works of this poet, we've chosen the poems “Versos Ligeiros”, “Zirma” and “A Noiva”, because they represent not only the catholic model to be followed by women who wish to marry and comply the determinations of the chaste period. These verses help us to understand a profound register of the archetype of a Wild Woman and a particular sensitivity to treat the feminine feeling.

## Keywords

Feminine writing; life; works; wild woman

*A verdade é que houve pouca descrição dos hábitos e das vidas psicológicas de mulheres talentosas, criativas, brilhantes.*  
Clarissa Pinkola Estes

## Introdução

O Nordeste colonial, *lócus* em que viveu Auta de Souza, muito se assemelha ao período da Idade Moderna Europeia descrito por Bruno Bauer (2001) no seu livro *Breve história da mulher no mundo ocidental*. No capítulo segundo, Bauer fala de um tempo de reclusão e silêncio, pois, mesmo apesar das mudanças e inovações que ocorreram na modernidade, estas não causaram efeito na vida cotidiana das mulheres que, excluídas do trabalho institucional, foram restringindo-se às tarefas do lar.

Para negar a possibilidade de as mulheres vincularem-se a um ofício, foram elas, também excluídas do acesso à educação profissional. De acordo com essa prática, muitos motivos foram utilizados para expulsar as mulheres das corporações de ofício. O pretexto da castidade foi, mais uma vez, acionado. Progressivamente vai instaurando-se a ideia de mulher como rainha do lar, a figura da mãe dedicada à casa, aos filhos e ao marido, que deveria desde cedo se preparar para viver o casamento. Nessa época as mulheres eram verdadeiros “jardins sem cultivos”, nas palavras de Clarissa Pinkola Estes (1994).

Esse quadro retrata a realidade da condição vivida por Auta de Souza na pequena província de Macaíba no interior do Estado do Rio Grande do Norte, no final do século XIX. O ambiente de convívio de uma mulher oitocentista como foi Auta de Souza era, predominantemente, de relações femininas. No entanto, a poeta norte-riograndense conseguiu romper essas fronteiras e conviveu com seus quatro irmãos e muitos homens, os amigos políticos e literatos, bem como os homens que participavam do Clube do Biscoito, agremiação dos poetas da cidade de Macaíba. Em sua casa, Auta tinha oportunidade de ser bajulada pelas autoridades intelectuais e políticas de seu Estado.

Ainda assim, a presença das amigas do internato, das moças e mulheres de sua província, das colegas de Macaíba, das acompanhantes de viagens e até da sua avó Dindinha, foi traço marcante de seu livro *Horto*. Ao transcendermos a leitura católica que comumente é feita da poeta, podemos perceber que Auta fala por estas mulheres, sem colocar-se como elas e, ao mesmo tempo, traduzindo seus anseios, angústias, sonhos e desejos, poetizando o universo feminino como nenhum homem de sua época conseguiu fazê-lo. Auta realizou feitos

inéditos em comparação a essas mulheres, publicava sua escrita em revistas e periódicos importantes (ainda que utilizando pseudônimo masculino) e publicou um livro de poesia que foi reconhecido em todo o país.

Pela situação socialmente pouco privilegiada de sua família, Auta de Souza conseguiu romper algumas dessas restrições, principalmente, aquela concernente ao acesso à educação. Zelada sob a tutela da sua avó paterna, chamada carinhosamente de Dindinha, senhora analfabeta, pobre e mestiça, Auta de Souza teve, contudo, o privilégio de receber nos primeiros anos de vida instruções de professor particular, astutamente contratado pela avó.

Segundo o biógrafo da poeta, o pesquisador norte-riograndense Câmara Cascudo (2008), aos sete anos, a menina já sabia ler e escrever. Aos oito, já fazia em público leituras dos folhetos que contavam as histórias de Carlos Magno para os serviçais da fazenda da família, escravos, mulheres e também crianças que não tinham contato com a leitura e se deliciavam em redor da menina. Com uma inteligência peculiar, Auta de Souza se diferenciava das mulheres ao seu redor.

Porém, entre as mulheres não possuía categoria primeira, não era Senhora, nem Dona. Era uma mulher simples na sua maneira de vestir, seus vestidos eram de mangas compridas e não usava joias nem adereços comuns a algumas mulheres. Seus cabelos eram singelamente presos num coque e seu tipo físico lembra os tipos miscigenados, lábios grossos, olhos negros e tez amorenada. No entanto, o princípio da cor era abafado e não constituía empecilho à sua condição cultural.

Desde cedo, a pequena órfã já se nutria com os livros da biblioteca de um de seus irmãos mais velhos, Henrique Castriciano, eminente político, intelectual, poeta e artista. Foi também da amizade de seu irmão, Eloy de Souza, com Olavo Bilac<sup>1</sup> que surgiu o prefácio à primeira edição do livro de poesia *Horto*, único livro da autora, publicado um ano antes de seu falecimento provocado pela tuberculose. Estranhamente Auta de Souza experimentou uma condição almejada pelos poetas românticos, viveu o mal do século, poetizou a vida e foi consumida pelo fogo poético.

Aos quatorze anos a moça já começava a sentir os primeiros sinais da tuberculose (doença a qual seus pais sucumbiram), e sua avó cuidava de ir procurar orientação dos médicos da capital, que sugeriram a volta para os ares do Sertão. Seus estudos, a esta altura, já

---

<sup>1</sup> Apesar das controvérsias, o prefácio permanece na primeira e nas edições posteriores, como forma de sujeitar o livro a uma autoridade masculina.

eram considerados superiores ao grau comum das moças de sua idade. Então, a família composta de avó e quatro netos retorna a Macaíba. De volta à terra natal, Auta de Souza é iniciada nas prendas domésticas, tais como bordado, desenho, artesanato. Além disso, continua muito aplicada em suas leituras. Dessa feita, escolhia à vontade dentre os livros da “biblioteca sortida” de seu irmão.

Apesar das restrições advindas dos cuidados necessários ao tratamento da tuberculose, Auta de Souza encontrava tempo para ir à igreja e tornou-se professora de catecismo para as crianças, preparando várias turmas para a primeira comunhão. Também costumava fazer passeios vespertinos, sempre acompanhada de suas amigas com quem convivia alegremente, “conversando e confidenciando”. Junto com as amigas promovera festinhas domésticas, os assustados, encontros que atravessavam a noite, regados com muita comida, bebida, poesia, música e dança.

Quando em 1894 fundou-se o Clube do Biscoito, que reunia os poetas da cidade e promovia reuniões dançantes nas residências dos associados; das moças que frequentavam, somente Auta pronunciava versos, de outros autores e, os seus próprios, chegando até mesmo a improvisar alguns, arte esta que desde aquela época era quase, exclusivamente, dedicada aos homens. Ela também gostava de dançar e de saborear a bebida e a comida que era oferecida em abundância.

A posição atribuída à mulher nordestina lhe negava educação e participação política. No entanto, Auta de Souza pôde dar valor à erudição e ascendeu através da educação formal que recebeu e dos regalos que lhe permitiam seus irmãos. Paradoxalmente a doença da moça autorizou-lhe a receber concessões proibidas às mulheres, tais como, publicar e escrever poesia que não fosse apenas a mera exposição de sentimentos adequados. Seus versos de súplica deixam transparecer a voz de uma mulher subsumida à dor, mas os poemas que iremos aqui destacar, apontam outra face desta mulher que, apesar das definições culturais da época, soube revelar em seus versos um eu confessional muito forte.

Em sua escrita sobre mulheres, Auta viveu o grande tema dos românticos, usando a imaginação criativa e realizando o desejo apaixonado de poetizar a imagem feminina.

### **Breve e incomum**

Quando Auta de Souza tinha onze anos de idade, a sua avó decide mudar-se para a capital do Estado de Pernambuco, onde a família possuía algumas propriedades, herança do patrimônio

deixado por Eloy Castriciano, o patriarca. Em Recife, a menina foi matriculada no Colégio São Vicente de Paulo, sob a égide das irmãs francesas. No Colégio da Estância, como também era conhecido, Auta de Souza destacou-se como primeira aluna, obtendo quase todos os prêmios escolares. Rapidamente já sabia dominar o idioma francês e já ensaiava recitar versos no novo idioma que dominava. Além das leituras dos volumes do curso regular, consumia também a literatura francesa, escolhida pelas professoras, e romances piedosos, uma espécie de premiação conquistada pela aluna estudiosa.

Ter acesso à literatura francesa significava, em muitos casos, estar a par das ideias sobre a posição da mulher na sociedade e a reivindicação da igualdade e de questões políticas. No entanto, não se tem notícias de que Auta de Souza usou a escrita para reivindicar igualdade para as mulheres ou para enfrentar os preconceitos da sociedade. Câmara Cascudo (2008) anota que apenas uma vez ela se pronunciou a favor de ideais abolicionistas. A debilidade de sua saúde talvez a tenha feito evitar entrar em questões polêmicas. Mas sob a proteção do véu da fragilidade teria rompido com as prescrições culturais das imagens literárias que permitiam uma mulher retratar a outra.

Assim, se algumas mulheres de seu tempo, tal qual a conterrânea Nísia Floresta, estavam preocupadas com as questões políticas, a educação feminina, a submissão da mulher e a necessidade de sua independência, outras ainda estavam preocupadas com Deus, com o amor. Auta de Souza, por sua vez, estava preocupada com a alma universal e com o íntimo das mulheres.

Em sua forma de ser, viver e escrever, Auta expressou aquilo que a psicanalista jungiana Estes (1994) chama de arquétipo da Mulher Selvagem, a energia espiritual elevada, um *self* instintivo, aquela voz que não se rende às convenções sociais, que mantém uma mulher tão resistente ao meio social hostil quanto um cacto que sobrevive à seca no deserto. Como ressalta Estes (1994), a mulher que exerce seu arquétipo da Mulher Selvagem é possuidora de uma força inimitável e inefável que traz para a humanidade um abundante repertório de ideias, imagens e particularidades. É uma mulher fluente no linguajar dos sonhos, da paixão e da poesia: “O arquétipo é existente por toda a parte e, no entanto, não é visível no sentido comum da palavra. O que pode ser visto dele no escuro não é visível à luz do dia” (ESTES, 1994, p. 47).

Os recursos que Auta utilizou para fazer seus versos não eram requintados, ao contrário, eram considerados muito simples do ponto de vista de uma crítica rebuscada.

Mesmo assim, Auta conseguia publicar, ainda quando a escrita feminina era considerada de caráter transgressor. Um ano após começar a rascunhar seus primeiros versos, Auta de Souza passa a contribuir na Redação de jornais e periódicos importantes, dentre eles, *A República* e *A Tribuna*. Usando pseudônimo de Hilário Neves e Ida Salúcio, a jovem publica semanalmente seus versos e consegue um feito ímpar na ocasião, o de ter sua escrita reconhecida nos meios de comunicação impressos.

A poesia foi, sem dúvida, um meio de Auta de Souza sentir-se mulher, livre, e não somente um borrão das convenções sociais. Era vivida no seu cotidiano porque dele se nutria e a ele alimentava; era sua própria vida porque Auta não conseguia viver sem a poesia que escrevia; sua poesia era viva porque pulsava, gritava, denunciava, revelava, pedia escuta, imaginação, sensibilidade e liberdade cognitiva para ser entendida. É sabido, como afirma Bachelard (1990), que a poesia é a linguagem que é livre frente a si mesma. Talvez tenha sido por isso que Auta encontrou em sua escrita, um meio de liberação do seu psiquismo de “Mulher Selvagem”, uma maneira de exercer a liberdade íntima e profunda.

Auta de Souza não sofreu muitos preconceitos, mas a ilusão amorosa a levou à amargura. Porém, não respondeu conformista ao destino cruel do amor, a rejeição do pretense marido não lhe apagou o ardor da mente e nem matou as suas esperanças poéticas. Não foi a decepção que desfez seus sonhos e anseios de mulher. Pelo contrário, deram-lhe mais um motivo para poetizar.

Quando foi publicada a primeira edição de *O Horto*, o livro era uma brochura de 232 páginas e parecia banal e simples, a não ser pelo prefácio de Olavo Bilac, o livro não tinha grandes pretensões. Apesar disso, a primeira edição esgotou-se em sessenta dias e Auta tornou-se personalidade pública. O texto *Ser Mulher no Século XXI ou Carta de Alforria*, de Margareth Rago (2004), inicia ressaltando o peso da expressão “mulher pública” no contexto social patriarcal. Essa terminologia externa, ainda hoje, a luta das mulheres ao longo dos anos, para conquistar um lugar na sociedade, o que Auta de Souza conseguiu, contrariando o que era comum a uma moça de sua época e da sua idade.

Desde tenra fase, Auta se dedicou-se à leitura, conviveu entre poetas e intelectuais e publicou seus versos. Como vemos, a poeta que se tornou consagrada pela crítica católica, não era simplesmente uma obediente e sofredora moça, alheia à paisagem social à sua volta. Ela teve uma vida modesta, mas alcançou, ainda em vida, a consagração. Foi humilde e eminente, colocando-se à frente de sua cultura e de seu tempo. Teve uma vida marcada por perdas e

sofrimentos, mas conseguiu desenvolver uma vontade de viver e de ser feliz, vontade expressa nas vozes de seus versos. A análise de sua poesia traz essas marcas de sua vida, de seus afetos e seu imaginário, como veremos a seguir.

## **Poesia e imaginação**

Para entendermos a biografia de Auta de Souza, precisamos também recorrer à sua poesia, pois, segundo o filósofo Gaston Bachelard (2009), o valor que o sujeito atribui aos objetos do seu devaneio poético, revela qualidades desse mesmo sujeito. Todos os motivos de sua inspiração poética foram encontrados em sua vida circundante, uma história simples, mas capaz de romper com as amarras da vida comum dos homens e mulheres de seu tempo. Foi nos devaneios poéticos de seus versos que Auta de Souza encontrou subterfúgios para as restrições a que deveria se submeter, tais como o sentimento de dor e morte que lhe circundavam. Como enfoca Bachelard (2009, p.70): “uma das funções do devaneio é libertar-nos dos fardos da vida”. Nesse sentido, a poesia de Auta de Souza se apresenta não somente como resposta às questões cotidianas da autora, mas como um meio de compreensão, de devaneio da vida que desejava a transcendência de si mesma: poesia como voz que tenta vencer a morte e não ficar silenciada no túmulo. Este era um dos aspectos da mística encantatória de sua voz poética.

De acordo com a leitura da crítica católica, Auta de Souza era apenas uma poeta mística, a noiva de Jesus, filha de Maria, exemplo a ser seguido pelas esposas e mães, mesmo sem nunca ter sido nem uma, nem outra. Para Câmara Cascudo (2008), a imagem de uma Auta de Souza mística, sem alegrias de moça, sem sonhos de donzela, sem desejos humanos, uma estátua orante cheia de angústia, desilusões e vigílias, era completamente alheia ao social. De acordo com Ana Laudelina (2000), a poesia de Auta de Souza não é meramente religiosa, fala de temas transversais como morte, vida, infância, amor impossível. Para esta pesquisadora, Auta reage à vida em forma de versos. E para nós, seus versos expandem sua vida além do que ela vivia.

Na interpretação cristã, *Horto* é um lugar de tormento, em alusão ao Horto das Oliveiras, lugar onde Jesus passou os últimos momentos de meditação antes do episódio da crucificação. Porém, para a pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Ana Laudelina, o horto poético de Auta é capaz de ir muito mais além de um jardim de tormento. Uma obra feita de sensibilidade e ternura, como um jardim poético de sonhos

perfumosos, habitado pela beleza imaginativa de sua poeta. No dicionário da língua portuguesa a palavra horto também significa pequena horta, lugar de horticultura, o que condiz com o fato de que, os motivos da poeta circulavam todos nos ambientes e experiências que ela viveu, nas suas amizades e nos sonhos de mulher.

Sobre a postura da mulher diante da escrita, Amélia de Freitas, escritora piauiense contemporânea de Auta de Souza, já alertava que as mulheres que escreviam deviam: “guardar o seu modo de vida especial, principalmente possuir paciência e reserva, saber suportar, ter profunda abnegação; do contrário se paralisam em estados dolorosos, na dor, na formidável descrença, ficando em certos momentos desolados” (DE FREITAS, *apud* FALCI, 2002, p. 253).

Auta de Souza, pelo contrário, soube fazer muitas amizades e teve influência entre as mulheres. Câmara Cascudo (2008) ressalta que em todos os lugares que esteve, Recife, Natal, Macaíba, Auta possuía um imenso grupo de amizades femininas, fervorosas, diárias na companhia e ciumentas no convívio. A elas a autora dedicou 18 poemas publicados em livro e em manuscritos: “Carlota” (A Carlota Valença), “Morena” (À moça mais bonita da minha terra), “Versos Ligeiros”, “Saudade” (A ela, a Eugênia), “Olhos Azuis” (A Palmyra Magalhães), “As Mãos de Clarice”, “Soledade”, “Cores” (A Cecília Burle), “Never More” (A uma falsa amiga), “À Eugênia”, “Clarisse”, “A Morte de Helena”, “Tudo Passa”, “Cantai” (A Edwiges de Sá Pereira), “Zirma”, “Ciúme”, “Versos a Inah”, “A Júlia”, “A Noiva” e “A Monja”.

À sua cuidadora, Auta também dedicou o segundo poema de seu livro: *A Minha Avó*. Nos seus versos, Auta conseguia traduzir com intimidade, piedade, compaixão, empatia e admiração os sentimentos e conflitos femininos, de mulheres ilustres e de mulheres comuns, das amigas e das mães, das meninas e das moças, das jovens que pretendiam se casar e das mães preocupadas com suas filhas. A voz da poeta se torna “a outra voz”, a voz que ecoa na voz de todas as outras mulheres. Por meio da polifonia, a voz dela se torna também a voz delas, das outras mulheres que tanto se reconheciam e se identificavam com seus escritos poéticos.

Em *Versos Ligeiros* a poeta fala da beleza concupiscente de uma jovem numa igreja, ao observar detalhes dos seus cabelos, como quem desnuda os encantos de uma mulher:

Eu acho tão feiticeira  
A Noemita da esquina  
Com seu recato de freira  
Muito morena e franzina



Que fico toda encantada  
Quando na igreja a contemplo  
Pois cuido ver uma fada  
Ajoelhada no Templo.

Doce nuvem cor-de-rosa  
Parece que a Deus se eleva,  
Daquela boca mimosa,  
Daquele olhar cor de treva.

É sua prece que voa,  
Indefinida e tão mansa,  
Como um hino que ressoa,  
Como uma voz de criança,

A trança do seu cabelo,  
(como ela é negra, Jesus!)  
Semelha um lindo novelo  
Tão preto que já reluz.

Tem a boquinha vermelha  
Como uma rosa entreabrindo...  
É um favo de mel de abelha  
Aquela boca sorrindo!

Minha alma nunca se cansa  
De vê-la assim tão divina,  
Sempre formosa e criança  
Com seu perfil de menina.

Às vezes, eu olho-a tanto,  
Com tanta veneração  
Que fico muda de espanto,  
Depois da contemplação.

É verdade que não faz  
Mal nenhum fitá-la assim...  
Meu Deus! Se eu fosse rapaz  
O que diriam de mim?

(SOUZA, 2009, p.84-85)

Se, por um lado, a imagem feminina pintada no poema é dócil e inocente, por outro, é feiticeira e encantadora. Em sua imaginação poética, a jovem mulher reúne o lado mágico de fada e o lado humano de menina, a boca santa e o olhar de trevas, uma amálgama inexplicável e mística de mulher e santa, simultaneamente, demoníaca e divina. Talvez Auta de Souza tenha percebido, em sua poesia, aquilo que Edgar Morin (2003) chama de “unidualidade do ser”, as ambiguidades, contradições e polaridades complementares que nos fazem humanos, especialmente humanos. Como um olho que ver o que a razão não enxerga, a imaginação poética é capaz de perceber essa complexa unidualidade, marca da condição humana.

Ao mesmo tempo, o eu poético não se omite, identifica as nuances dessa imagem, para se autoidentificar, desnudando a ela, na sua prece: “é sua prece que voa/indefinida e tão mansa”; e desnudando a si: “às vezes, eu a olho tanto,/Com tanta veneração/Que fico muda de espanto,/Depois da contemplação”.

Em termos de dialogicidade, *Versos Ligeiros* explicitam uma estratégia para resolver a equação entre o pensar, o agir e o julgar. De acordo com Hannah Arendt (2008), o que nos faz pensar é o mesmo que nos faz ter vontade, o impulso dessas duas faculdades é semelhante em sua instância interna. Em outras palavras, o que move o pensar é a necessidade própria da racionalização: “o impulso interno dessa faculdade para se realizar na especulação (ARENDR, 2008, p.87)”. O mesmo pode ser dito da vontade, que tem sua independência em relação à razão e ao desejo: “nada além da vontade é a causa total da volição (ARENDR, 2008, p.87)”. Isso também se dá em relação ao julgar, que se move como que por uma lei de si mesmo e para si mesmo, independente da regra universal que diz o que é belo, o que é feio, o que é certo, o que é errado.

Ao tratar da “Vida do Espírito”, Hannah Arendt (2008) diz que essas são as três atividades espirituais básicas, pensar, querer e julgar e provocam grande dificuldade às pessoas porque obedecem a leis inerentes à própria atividade. Filosoficamente, elas conduziram a oposições clássicas, tais como, pensar e fazer, razão e paixão. E, ainda, a afirmação de que a razão deve ser escrava das paixões, e sua oposta, a de que o exercício da razão silencia as paixões, são apenas inversões ingênuas que desconsideram a autonomia da atividade espiritual. Uma vez que é sempre a mesma pessoa que pensa, julga e quer, não existe atividade meramente pensante e nem paixão totalmente irracional.

Além disso, tais atividades não são condicionadas, nem necessitadas pelas atividades do mundo: “os homens, embora totalmente condicionados existencialmente – limitados pelo período de tempo entre nascimento e morte, submetidos ao trabalho para viver, levados a trabalhar para se sentir em casa no mundo e incitados a agir para encontrar o seu lugar na sociedade de seus semelhantes – podem espiritualmente transcender todas essas condições (...)” (ARENDR, 2008, p. 89).

Através do pensamento, o ser humano pode querer o impossível, especular sobre o desconhecido, realizar a ficção, transformar a realidade etc. Em última instância, os critérios pelos quais conduzimos nossas vidas dependem muito mais da vida do espírito, do que da

vida social. Na dimensão espiritual é possível conciliar as esferas contraditórias do pensar, do querer e do julgar.

É certo que já se produziram rumores sobre a intimidade com que Auta se dirigia às mulheres em seus poemas. No entanto, nunca se pensou sobre esse tema a partir das determinações da vida do espírito. Seria muito abusivo inferir que essa intimidade advinha de um relacionamento de intimidade sexual com suas amigas. Não é essa a ideia que se deseja explicitar, mas entender como a educação espiritual a que Auta de Souza se submeteu, permitia-lhe exercitar a liberdade do pensamento e experimentar sem constrangimento as necessidades do espírito constrangidas pelas restrições culturais da época<sup>2</sup>.

Socialmente, sua vontade não poderia se concretizar: “meu Deus! Se eu fosse um rapaz/ O que diriam de mim?”. Porém, na transcendência espiritual, a poeta sente-se livre para sublimar sua vontade e desejo. É bem verdade que alguns elementos facilitam a contemplação, como o fato de ocorrer dentro de uma igreja: (...) “fico toda encantada/ Quando na igreja a contemplo/Pois cuído ver uma fada/Ajoelhada no Templo”. Até mesmo o fato de se contentar com a contemplação, é como se o espírito pudesse conhecer e controlar as paixões da alma e ser assim o senhor da volição.

A teoria de Hannah Arendt aproxima-se das ideias estoicas que ensinam o controle da dor e do prazer pelo espírito. Ao mesmo tempo, corrobora com a vida de Auta de Souza, eivada de dor, de renúncia, fé e devoção. Na igreja, no ato de rezar, na busca através da fé para uma resposta aos seus sofrimentos físicos, a moça se conduzia à transcendência do espírito, ao mesmo tempo em que exercitava seu olhar sublime sobre as mulheres: “minha alma nunca se cansa/ de vê-la assim tão divina”.

É óbvio que pela madureza da sua vida espiritual, a poeta não precisaria realizar na concretude de seus atos, o seu pensamento. Se o pensamento não precisa do ato para ser, ao libertar-se dessa necessidade, liberta-se também do julgamento dos olhos mundanos: “é verdade que não faz/ mal nenhum fitá-la assim”. É exatamente na vida do espírito que Auta de

---

<sup>2</sup> Sobre as relações homoeróticas no nordeste colonial consultar Vainfas (2002). Ele afirma que estas relações constituem um universo desconhecido que poucos pesquisadores ousaram estudar. Em sua pesquisa, Vainfas constata que as relações entre as mulheres eram menos visíveis do que as relações entre os homens, pois não se exprimiam em espaços de sociabilidade próprios. Por esta razão, o historiador afirma que o universo homoerótico feminino era inespecífico: “no caso feminino as relações homoeróticas mal se podem distinguir no cotidiano que irmanava senhoras, escravas e mulheres livres na troca de segredos, nos mexericos, nas alcovitagens e na preparação de mezinhas de variada sorte. Foi nesse ambiente que brotaram algumas relações amorosas entre mulheres” (VAINFAS, 2002, p. 126).

Souza consegue resolver o seu dilema, porque nessa vida a moral social não encontra razão coercitiva. No espírito ela deixa transbordar toda a carga de sensibilidade, poeticidade, dor e sentimento que a faz pungir.

## A noiva

A singularidade da poesia autiana está para além de ser uma mulher falando de outra(s). Auta consegue compreender essas mulheres em seus anseios mais íntimos, falando de *self* para *self* e expondo sem véus os tremores do ego, até atingir uma compreensão dos anseios femininos.

Vejamos o poema “Noiva”:

Ela chegou na Igreja. Vagarosa  
Vai ao braço do noivo conversando...  
Grave, soa a orquestra acompanhando  
Uma dança febril e langorosa

E a noiva passa assim casta e nervosa  
A cabecinha pálida inclinando...  
Da capela uma flor vem resvalando  
Pela macia fronte perfumosa

Sem tirá-la e levando a mão ao rosto,  
E fita sua mãe cheia de amor,  
Sente-se presa de infantil desgosto

Ah, fora ela que, trêmula divina,  
Beijando-lhe a mãozinha alabastrina  
À grinalda lhe atara aquela flor.

(SOUZA, 2009, p.270)

Há uma inversão de papéis que torna a poesia o eco de um som transviante. Quem entrega a mão da filha não é o pai, mas a mãe – pelo atar da flor –, imagem inédita diante dos costumes. A mulher assume, então, o peso da dúvida que é passar uma filha para um homem. Hesitante, a filha admite a falta de experiência e inclina a cabeça, pálida: “(...) e a noiva passa assim casta e nervosa/ A cabecinha pálida inclinando”. Porém, seu drama é quase inaudível, pois acompanhado por um som grave, à altura de seus medos: “grave, soa a orquestra acompanhando/ Uma dança febril e langorosa”. Estes (1994) afirma que, ao longo dos séculos houve uma pilhagem, um esmagamento da natureza instintiva feminina: “durante longos períodos ela foi mal gerida, à semelhança da fauna silvestre e das floras virgens” (ESTES, 1994, p.06), semelhante à imagem da virgem pálida e envergonhada de *A Noiva*. Nesse sentido, a psicanalista jungiana afirma a necessidade de serem feitas “escavações” para

se restaurar nas ruínas do mundo subterrâneo feminino a vitalidade esvaída das mulheres. No livro *Mulheres que correm com Lobos*, a autora compete-se ao labor de definir as características psíquicas e espirituais da mulher selvagem: “(...) o aspecto arquetípico, o instintivo, o sexual e o cíclico, as idades das mulheres, o jeito de ser mulher, a sabedoria da mulher, seu fogo criador. Foi isso que direcionou meu trabalho sobre o arquétipo da Mulher Selvagem, durante duas décadas” (ESTES, 1994, p.06).

“A noiva” é essa mulher soterrada, que nem mesmo a perda da virgindade, programada para o ritual após a cerimônia religiosa, prometeria desterrar. Na noiva, o arquétipo da mulher selvagem parece submerso, sob camadas de convenções socialmente estabelecidas. São tantos séculos de práticas depreciativas, de sensações omitidas, de promessas mal cumpridas, que a fauna silvestre da mulher selvagem corre risco de extinção. Esta é a mulher descrita por Auta de Souza: “sente-se presa de infantil desgosto”. Mas mesmo assim, essa mulher guarda, em seu *self* mais profundo, o uivo do lobo que resiste a devastação da floresta, o fogo criador e eruptivo que faz ela viver, sentir, ser. Por meio de seu fogo espiritual e sua escuta poética, Auta de Souza consegue fazer ouvir a outra voz, a do arquétipo selvagem dessa mulher, a noiva, que parece caminhar em trajeto ao seu próprio velório, mas que se sente segura diante da flor que sua mãe lhe atara.

Tratando das questões da psique/alma feminina, Estes (1994) diz que as mulheres que detêm forças poderosas e naturais conseguem fazer o resgate da “bela forma psíquica e natural da mulher” (ESTES, 1994, p.09). Não importa a cultura pela qual a mulher é influenciada, ela tem os meios para acionar e dar vida a essa mulher selvagem. Para muitas mulheres a força vem com as palavras, uma frase, um poema ... De todo modo, ela vem de uma força espiritual, de um *self* “que gera toda a luz, toda a consciência” (ESTES, 1994, p.11). É com esta força que Auta de Souza se torna intérprete das mulheres de seu tempo, revelando seus medos, suas fragilidades, compadecendo-se do que elas ainda precisavam aprender.

Procurando seguir a trilha de Estes (1994), encontramos em Auta de Souza as características da “Mulher Selvagem”, pois toda a vida e obra dessa poeta afirmam suas capacidades de relacionamento com essa natureza selvagem, uma vez que: “elas recebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente (...) uma inspiradora, uma intuitiva, uma criadora, uma inventora e uma ouvinte que gira, sugere e estimula uma vida vibrante nos mundos interior e exterior” (ESTES, 1994, p.26).

Mesmo acometida pela tuberculose que lhe provocava calores febris diariamente, Auta de Souza nunca deixou de manter vivos os relacionamentos sociais, os passeios à tarde com as amigas, as visitas à igreja, a participação no Clube do Biscoito, os assustados em casa, todas as atividades regadas pelo sorriso estimulante, pelo cultivo dos relacionamentos saudáveis e alegres.

## **Zirma**

De acordo com a definição arquetípica, o termo “Mulher Selvagem” não deve ser compreendido pelo sentido pejorativo de algo fora de controle. A mulher selvagem é a segurança para o apoio da alma de uma mulher e cada mulher tem acesso potencial a esse mundo, que está no inconsciente profundo. Exatamente no âmbito do inconsciente profundo que Auta de Souza toca a natureza integral das mulheres que ela poetiza e descreve. Ela o faz por meio do fogo criador, com a prudência recomendada: “a história recomenda que a melhor atitude para vivenciar o inconsciente profundo é o fascínio sem exagero ou retraído, (...) com coragem sim, mas sem imprudência” (ESTES, 1994, p.26).

Através da poesia podemos constatar o arquétipo de Mulher Selvagem em Auta de Souza, aquela que encontrou o caminho da liberdade interior e que pode se tornar a porta-voz de várias outras, das amigas, das viúvas e até das que morreram. Segundo Estes: “a mulher selvagem pode ser uma deusa da morte, uma virgem decaída, ou qualquer uma de uma série de personificações. Ela é amiga e mãe de todas as que se perderam, de todas as que precisam. E aprendiz de todas as que têm um enigma para resolver” (ESTES, 1994, p.11).

Para se ter acesso a essa “Mulher Selvagem” a pessoa pode ser introvertida ou extrovertida, uma mulher que ama mulheres, uma mulher que ama homens, uma mulher que ama Deus ou todas as opções anteriores, pois a “Mulher Selvagem” pertence a todas as mulheres, aos homens e aos humanos de modo geral. Era assim que Auta de Souza se fazia, em todas as outras mulheres que cantava. No poema “Zirma”, Auta lamenta o fogo selvagem e misterioso da morte que leva uma mulher venerada por ela, com seu mais puro sentimento de reconhecimento e adoração:

Foi em Dezembro, no mês bendito,  
No mês de festa que ela partiu...  
Desde esse tempo, do seu seio aflito  
Minh'alma louca também fugiu

E foi tão grande minha agonia  
Que quase morro de soluçar,  
Quando bejei-a na boca fria

Como uma concha que sai do Mar!

Passava a noite... (lembro-me tanto!)  
Noite de lua, misteriosa...  
Choravam astros no etéreo manto...  
Meu Deus, que noite silenciosa!

A lua mansa no céu vogava,  
Como um barquinho n'água do rio,  
E parecia que murmurava:  
"No céu formoso faz tanto frio!"

No esquife azúleo, feito a capricho,  
Por entre rosas de alvura tanta,  
Deitaram Zirna como no nicho  
Guarda-se a imagem de alguma santa.

O rosto branco da cor do gelo  
Um doce lírio trazia à mente...  
Na noite escura do seu cabelo,  
Nem um só astro resplandecente!

Ninguém diria que estava morto  
O lábio aberto por um sorriso,  
Na terra triste – que desconforto!  
Quanta alegria – no Paraíso!

[...]

(SOUZA, 2009, p.124-125)

Zirna, um nome exótico para uma santa, que mesmo morta é venerada, conforme anuncia o eu poético: “e foi tão grande minha agonia/que quase morro de soluçar!; Guarda-se a imagem de alguma santa!”. Esse sentimento de desvelo parece generoso e sincero. Talvez por piedade ou mesmo por humanidade, Auta falasse assim às mulheres. Ou uma sublime identificação a ligaria à alma daquelas que eram suas principais confidentes e companheiras?

Curioso é perceber que a veneração expressa em poesia, mesmo quando compara mulheres às santas, não as tornam distantes, mas as aproximam e tateiam, porque têm um sentimento nobre que permite que as desvelem. Tudo indica que no universo de Auta, santidade e divindade habitam seu convívio, faz parte de seu cotidiano; santas e divinas são as mulheres que as cercam: amigas, desconhecidas, comuns. Mas são mulheres que não assumem a condição de inalcançáveis, que se corromperiam pelo contato com o desejo e o amor, pois elas podem ser o que são na plenitude dos seus sentimentos, sem se macularem por eles. Naturalmente belas, como as mulheres narradas pelos românticos, elas são comuns em existência, isto porque são admiradas por quem as entendem.

A veneração prestada a uma morta faz-se depois realidade de pós-morte da poeta. Conforme narra Câmara Cascudo (2008), o seu enterro foi acompanhado por personalidades célebres que lhe renderam diferentes menções. Após sua morte, seu livro ganhou novas publicações e prefácios. Sua vida tornou-se objeto de veneração para muitas crenças religiosas e até hoje, aquela mulher franzina e febril, a escritora tímida, a poeta ousada e encantadora são lembradas a partir de uma única publicação.

### **Considerações finais**

Como vimos, os poemas de Auta não se limitam a exprimir ideais culturais, mas tentam expor os sentimentos por ela experimentados, forças de sua realidade imaginária. É esse o papel dos poetas, oferecer imagens que nós nunca poderíamos imaginar, que dão a poesia e ao poeta sua singularidade criativa e transfigurativa da realidade. Como diria Bachelard (2009), são essas imagens que nos ensinam possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso. No universo poético autiano, as mulheres possuem múltiplos anseios e identidades.

Por meio de suas poesias, inconscientemente, Auta de Souza deixou o arquétipo da “Mulher Selvagem” expressar sua natureza de mulher que viveu de modo ubíquo as normas de sua época. Foi por meio desse arquétipo que ela soube sentir, ir ao encontro das outras mulheres, ela soube amar profundamente e disfarçar, quando necessário. Viver esse arquétipo é essencial à saúde espiritual e mental da mulher. Segundo a leitura psicanalista utilizada neste estudo, o que está escondido por trás do arquétipo tem natureza benfeitora; ele é visceral, cerebral, intuitivo e inspirador: ele está por trás das pintoras, das escritoras, das poetas, das pensadoras.

Aprender as atividades domésticas, esposar-se, ter filhos, cozinhar, eram os lugares comuns atribuídos às mulheres no final do século XIX. Ironicamente, Auta de Souza, mesmo sendo considerada modelar, não cumpriu nenhum destes papéis, graças à vida excepcional, atribulada pela tuberculose. Por outro lado, se hoje a conhecemos, não é porque se casou com nenhum homem de projeção, não é porque viveu em uma grande capital ou escreveu várias obras, mas porque sua sensibilidade intensa e cândida desvelou o íntimo feminino de modo exemplar e “selvagem”.

A poeta apresentou as mulheres com profundidade subjetiva e como objeto de desejo, quando ela mesma não se sentiu desejada, sendo rejeitada pelo pretense noivo.



Contraditoriamente, Auta era uma mulher sem emancipação, restringida pelos dilemas de sua alma, mas emancipada em sua poesia.

Auta foi uma mulher aparentemente despretensiosa, mas, ao seu modo, vivenciou algo à frente de sua cultura. Sempre procurou o controle de qualidade de sua escrita e soube projetar-se enquanto poeta. As lições de sua vivência, certamente, vão além de sua obra. Que sua história simples, sutil e sua intuição de autossuperação sejam motivo de inspiração para muitas mulheres.

## Referências

ARENDDT, Hannah. *A vida do espírito. O pensar, o querer e o julgar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUER, Carlos. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã, Edições Pulsar, 2001.

CASCUDO, Câmara. *Vida breve de Auta de Souza:1876-1901*. Natal: EDUFRN, 2008.

ESTES, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordeste. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 6ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 115-140.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. *Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética*. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC de São Paulo, Abril /2000.

\_\_\_\_\_. Introdução a um estudo da vida e obra de Auta de Souza. In: SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas*.. Natal: EDUFRN, 2001, p.21-61.

\_\_\_\_\_. (autoria e direção geral). *Noite Auta, céu risonho*. Natal: TVU-RN/NCCEN; Patrocínio BNB, 2008. DVD.

Edgar MORIN, *O Método 5 – a humanidade da humanidade: a identidade humana*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RAGO, Margareth. Ser Mulher no Século XXI ou Carta de Alforria In: VENTURI, Gustavo & RECAMÁN, Marisol & OLIVEIRA, Suely de. *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas*. Natal: EDUFRN, 2009.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 6ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 401-442.

VAINFAS, Ronaldo. Homoerotismo Feminino e o Santo Ofício. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 6ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 115-140.

---

\* Artigo recebido em 15/04/2013 e aprovado em 12/11/2013.

\*\* Possui graduação em Ciências Sociais, com Bacharelado em Antropologia, Mestrado e Doutorado em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPB. É docente no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da UERN.

\*\*\* Possui graduação e Mestrado em Ciências Sociais pela UERN. É Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Comunicação Urbana, Antropologia e Complexidade. É professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da UERN.